**O Imperador, os Doutores e os Loucos:**
**uma arqueologia de sentidos no Palácio da Praia Vermelha, hoje UFRJ.***

Maria de Lourdes de Alencar Parreiras Horta**

## 1. Resumo do Trabalho*

Quando apresentei este projeto de pesquisa ao PACC- Forum de Ciência e Cultura da UFRJ, em maio de 2009 como tema de pesquisa de pós- doutorado, motivavam-me dois aspectos principais em relação ao prédio onde hoje se encontra sediado o Fórum de Ciência e Cultura e algumas Faculdades da UFRJ, entre as quais a Escola de Comunicação, junto à qual recentemente havia revalidado o meu diploma de doutorado, obtido na Inglaterra, pela Universidade de Leicester. Tendo dirigido nos últimos 18 anos, desde 1991, o Museu Imperial, instalado no Palácio Imperial de Petrópolis, chamou-me de imediato a atenção sua similaridade arquitetônica, artística e construtiva com o chamado "Palácio da Praia Vermelha", considerado pelo crítico Clarival do Prado Valladares "o mais belo dos *palácios* do Império", o "grifo" do autor, no caso, pela licença poética na qualificação desta construção monumental que serviu de sede ao *reino da loucura* e ao mesmo tempo, ao *império da razão médica* e da psiquiatria nascente. Impossível, entretanto, não conceder ao edifício a classificação que lhe foi dada por historiadores, arquitetos e estudiosos da arte brasileira e internacional, tal a sua majestade, ratificada e consagrada por seu primeiro "biógrafo", Pedro Calmon, em obra única e pioneira, que o escolheu para sede do *Palácio do Conhecimento*, como berço da Universidade do Brasil, atual UFRJ, e de sua reitoria, hoje na Ilha do Fundão.

A construção do Hospício de Pedro 2º, à maneira "palaciana", por seu caráter, porte e estilo arquitetônico, um "neoclássico" tropical e à brasileira, como pretendemos demonstrar, viria a ser um marco simbólico do Império que se construía e se

---

* Pesquisa de pós-doutorado apresentada ao PACC- Forum de Ciência e Cultura, UFRJ, em outubro 2010. Esta pesquisa ainda em desenvolvimento será objeto de publicação de livro, com o mesmo título, prevista para o segundo semestre de 2011, com o apoio da UFRJ.

** Universidade de Leicester, Inglaterra, e Escola de Comunicação da UFRJ

confirmaria no longo reinado de Pedro 2º, após a turbulência do período regencial, com a abdicação do primeiro Imperador e as revoluções que ameaçariam a estabilidade e a unidade da nação. Sua realização se deve à vontade e à determinação de alguns homens ilustres, conselheiros do Imperador menino, entre os quais se destaca a figura do Ministro, Conselheiro e Provedor da Santa Casa da Misericórdia, José Clemente Pereira. Um dos artífices do famoso "Fico", e como tal, da Independência do Brasil, José Clemente sempre esteve ao lado do jovem monarca, iluminando-o com suas idéias esclarecidas e visionárias, construindo um novo espírito de filantropia, baseado na idéia de "utilidade pública". Instado por ele, e convencido pelos discursos veementes de alguns membros da vanguarda da Sociedade Nacional de Medicina, Dom Pedro 2º assume a fundação do Hospício de Alienados, assinando o Decreto de sua criação no próprio dia de sua coroação, e emprestando-lhe o nome. A força simbólica deste ato, marcando a fundação de um reinado que se quer sábio, bom e progressista, e apontando para a entrada da nação no universo da "civilização", perpassa até hoje o "caráter" desse edifício, revitalizado em seus novos usos, os da Universidade, da Ciência e da Cultura, das Artes, da Literatura, da Bossa Nova e das "Quebradas" da periferia . A relação entre o grande "Zé Pequeno" (como era conhecido o Provedor) e o pequeno Pedro, o Grande, por sua estatura física e moral, é um feliz, proveitoso e quase milagroso contexto, cujos resultados benéficos e frutíferos são reconhecidos por todos os que se debruçam sobre este período da nossa História, e de modo especial para os estudiosos e profissionais da História da Medicina, da Psiquiatria, da Psicologia e da Saúde Pública no Brasil. A História da Arquitetura Hospitalar tem igualmente neste monumento do nosso patrimônio histórico e artístico um caso exemplar de estudo, no âmbito nacional e internacional. No decorrer deste trabalho descobrimos a Associação Internacional de Estudos do Patrimônio Hospitalar, com a qual estamos entrando em contato para o desenvolvimento e divulgação deste trabalho.

A primeira questão que me instigou a desenvolver a pesquisa proposta e aqui relatada foi a do **significado** do Decreto de Criação do Hospício de Pedro 2º., a 18 de julho de 1841, entre os poucos atos escolhidos para marcar este "faustoso acontecimento", para usar os termos do próprio decreto. Tratando-se de significados e de "signos", no caso o edifício monumental e o ineditismo da Instituição então criada, inevitável recorrer aos estudos da Semiótica, instrumental teórico que adotei em minha tese de doutoramento

para analisar o sistema de comunicação em ação nos Museus e Monumentos Culturais, a partir dos conceitos de Umberto Eco, Roland Barthes, entre muitos autores e intérpretes da cultura contemporânea, de modo especial a obra crítica de Michel Foucault. Tratando-se de um edifício cuja origem está na Clínica Médica, o campo da semiótica, dos sintomas, dos sinais que revelam as causas da perturbação e da doença também me pareceu pertinente, na tradução e transcrição destas "marcas diferenciais" para a linguagem da cultura, da história social, das funções e significados das instituições públicas, campo em que atuei profissionalmente nas últimas quatro décadas de minha vida. Sintomaticamente, a maior parte da literatura e da bibliografia consultadas sobre o tema provém da área médica, e a profusão de trabalhos, livros, teses, artigos e publicações foi para mim uma instigante surpresa. A análise do Hospício da Praia Vermelha é uma referência constante para o estudo das origens da Psiquiatria no Brasil. Assim, minha contribuição ao histórico da Instituição Asilar, a primeira no continente para o tratamento da doença mental, não será substancial, em termos de descobertas, mesmo após recorrer às fontes primárias encontradas no Arquivo Nacional, no Arquivo Histórico do Museu Imperial, nos Arquivos da Santa Casa da Misericórdia ou nos da Academia Nacional de Medicina, entre outras instituições pesquisadas. A quantidade de documentos localizados, em especial no Arquivo Nacional, relativos à história da Santa Casa e de suas instituições hospitalares e de caridade chama a atenção para a necessidade premente de uma ação de preservação e reprodução destas fontes, em precário estado, das quais levantamos mais de 500 páginas de relatórios e dados qualitativos e quantitativos. Os Arquivos da Santa Casa, de difícil acesso por parte da administração daquela instituição, apresentam, pelo que pudemos verificar em uma primeira visita "autorizada", situação ainda mais dramática. Parte da História da Medicina, perfeitamente conservada nos arquivos da Academia Nacional de Medicina ou no Museu Imperial, corre o risco gravíssimo de se perder por falta de uma ação efetiva visando sua conservação.

Outras análises e observações, entretanto, relativas à estrutura funcional e à espacialidade da arquitetura asilar, como reflexo das teorias médicas sobre a alienação e a doença mental são a meu ver um aporte ainda inédito nos estudos já publicados e na extensa bibliografia. Essa abordagem nos foi revelada em trabalho de autor estrangeiro, Pierre Pinon e em outras referências da literatura internacional sobre o tema.

A segunda questão que me levou a aprofundar a análise do Palácio da Praia da Saudade, outra designação para o edifício estudado, foi a das razões para sua monumentalidade e aspecto palaciano, tendo sua construção sido levada a cabo no mesmo período (com poucos anos de defasagem) em que é edificado o Palácio de Verão do Imperador, em Petrópolis. O mesmo arquiteto, Joaquim Cândido Guillobel, e o mesmo engenheiro, José Maria Jacintho Rebelo, foram responsáveis pelos dois projetos, apesar da interveniência de outros profissionais, como Domingos Monteiro, no caso do Hospício, ou de Araújo Porto Alegre, no caso de Petrópolis.

De qualquer modo, a pergunta que não queria calar continuou por algum tempo sem resposta, até que as novas fontes pesquisadas trouxessem a explicação para a questão: porque o Palácio dos Doidos é dez vezes maior que o Palácio do Imperador, ostentando decoração interna e externa bem mais luxuosa e sofisticada? Porque uma dimensão tão portentosa, em lugar afastado do centro, em meados do século XIX? Haveria tantos malucos a solta no Rio de Janeiro daquela época? Quantos indivíduos poderiam ser abrigados nos seus espaços monumentais? Mesmo sabendo quem em princípios do século passado o Palácio abrigava mais de 1500 indivíduos, em condições degradantes, em espaços deteriorados, até hoje as dimensões do prédio ainda parecem exageradas para a função pretendida. O estudo mais aprofundado do nascimento da "arquitetura asilar" na Europa, e das teses dos alienistas franceses que inicialmente embasaram os conceitos dos nossos "doutores", trouxe luz à nossa indagação. As principais teses médicas para o tratamento da loucura propunham alguns fundamentos de ordem prática, hierárquica e nosográfica: as divisões e subdivisões dos tipos de alienação mental, além da separação total dos sexos, exigiam espaços exclusivos para sua acomodação, terapia e possível cura de alguns casos de demência. Esta classificação hierárquica surgida em fins do séc. XVIII e princípios do XIX, com Ph. Pinel especialmente, vai variar nas décadas seguintes, de acordo com os diferentes teóricos e práticos da medicina mental, constituindo de fato a base para a "planta" do espaço asilar, definida de acordo com um projeto elaborado pelos alienistas, que se traduziria em um "programa" arquitetônico ("programation", nos textos originais) que nós hoje poderíamos chamar de um "programa de necessidades". O desenvolvimento da arquitetura asilar contribuiu desta maneira para o desenvolvimento da arquitetura de um modo geral, com os princípios da "funcionalidade" do edifício, no caso dos hospícios, vistos como "máquinas

terapêuticas", considerados por teóricos como Tenon, Esquirol e Pinel como "instrumentos de cura" em si mesmo. A tradução desses princípios para o caso brasileiro está na base da planta e do "programa" do Palácio da Praia da Saudade, ou da Praia Vermelha, cujas "normas" vão ser adotadas com rigor no período áureo de seu funcionamento, sendo posteriormente e gradativamente abandonadas ou relaxadas, em nome da economia, da viabilidade e de novas visões terapêuticas introduzidas na Instituição após a saída dos fundadores e das irmãs de caridade. O princípio do "isolamento", ("renfermement" para os mestres franceses) fundamental para os alienistas da época, é garantido pelo local da construção do Hospício, bastante longe do centro da "Corte", mas com fácil acesso por mar para o fornecimento de equipamentos, instrumentos, alimentação e a presença de médicos e enfermeiros. A majestade do prédio de dimensões extravagantes, mesmo para um palácio nos trópicos, baseou-se no princípio do "tratamento moral", em substituição ao tratamento físico, vigente até então, contribuindo em sua "monumentalidade" para subjugar os pacientes e fazê-los abandonar seus delírios, ante a imponência da edificação, ante o "Império da Razão" e da "Normalidade".

É importante notar que a iniciativa e o desenvolvimento do projeto do Hospício de Alienados não couberam ao Governo Imperial, que com ele colaborou na aprovação de várias "loterias" para angariar fundos, além do prestígio, do beneplácito e das contribuições do próprio Imperador, entusiasta da idéia. A maior parte dos fundos levantados para as obras vieram não apenas do "imposto da vaidade", como se referia José Clemente em relação aos subscritores capitalistas em busca de cargos nobiliárquicos, de barão ou visconde, mas em sua maior parte foram oriundos da "caridade anônima", no parecer de Pedro Calmon.

Trata-se no caso de uma iniciativa audaciosa e avançada para seu tempo, em poucos anos defasada em relação ao que se passava na Europa, de um grupo de médicos que tiveram sua formação em Paris, na Academia de Medicina da França, e que herdaram o ideário e as novas propostas de seus mestres, como Brossais, Tenon, Esquirol, Pinel em relação à natureza da doença mental e das possibilidades terapêuticas visando a sua cura. Entre esses devemos citar CRUZ JOBIM, o doutor SIMONI e Xavier SIGAUD, como alguns dos médicos determinantes na continuidade deste processo, que vai

culminar com TEIXEIRA BRANDÃO e já no século XX com a revolução teórica e prática de JULIANO MOREIRA.

Para finalizar esta apresentação podemos dizer que, como um monumental "objeto semiótico", o Palácio-Hospício-Museu de Pedro 2º. Revela e articula inúmeros discursos, crenças e valores, em um "espaço" histórico e social no qual forma, estrutura e função constroem um todo coerente, a ser descontruído para ser melhor compreendido em sua constante mutação.

O abandono, a recuperação temporária na primeira República e a transferência para o Engenho de Dentro dos últimos alienados, após a saída de Juliano Moreira, permitindo a reivindicação do Palácio para a Universidade, pelo reitor Pedro Calmon são os limites provisórios do trabalho que apresentamos aqui. A discussão sobre a reforma manicomial e os rumos da psiquiatria hoje fogem à alçada do projeto a que nos propomos, apesar de estar presente na história e nas análises traçadas. O mergulho no universo dos "loucos", de Lima Barreto a Bispo de Rosário ou Nazareth deve aguardar melhor capacitação e preparo por parte da autora, atualmente ainda no nível de uma "auxiliar de enfermagem". A história da Enfermagem psiquiátrica é outro caminho a ser trilhado, como decorrência do campo explorado até aqui. Espero poder percorrê-lo, em algum tempo.

**Notas sobre o levantamento das fontes primárias:**

Neste primeiro ano da pesquisa (2010) foi possível fazer o levantamento das fontes documentais e bibliográficas para a elaboração do universo de conhecimento já mapeado e analisado por estudiosos no país, de modo especial a produção ligada à Editora da FIOCRUZ e aos pesquisadores desta importante Fundação. A história e a trajetória do Hospício de Pedro 2º., depois Hospital Nacional de Alienados, e das colônias a ele anexadas, até sua transferência definitiva para o Engenho de Dentro e a reforma do prédio para abrigar a Universidade do Brasil, na década de 40, são matéria para muitos volumes, se quisermos dar conta da riqueza desta trama de idéias, conceitos, propostas, teorias, crenças e valores, iniciativas e decisões que estão imbricados nas paredes de pedra e cal. Muito ainda temos a buscar em termos de conhecimento das fontes e dos resultados que esta trajetória institucional pode nos

revelar, em trilhas e aberturas para novos caminhos de pesquisa e análise. Esta comunicação pretende simplesmente desenhar um primeiro “mapa de viagem” para a exploração arqueológica das formas e sentidos do Palácio da Praia Vermelha.